

LAMEGO: DO GÊNIO DO LUGAR AO GÊNIO DOS HOMENS. UMA VISÃO PARADOXAL ENTRE A MODERNIZAÇÃO URBANISTA E A DESTRUIÇÃO PATRIMONIAL

CARLA SOFIA FERREIRA QUEIRÓS*

Resumo: As políticas liberalistas que marcaram o século XIX foram determinantes na transformação dos lugares, adaptados agora às novas exigências do mundo contemporâneo.

As cidades sacras dessacralizaram-se, ganharam novas dinâmicas e novas leituras, cruciais ao funcionamento de instituições de cariz secular variado, fazendo emergir um novo traçado urbano e uma nova cidade, cedendo esta o seu génio ao génio dos homens.

Neste artigo, procuramos demonstrar como as novidades, quer materiais, quer estruturais, geradoras da secularização do espaço urbano, foram surgindo a uma velocidade veloz, determinando necessidades e hábitos diversificados, a que Lamego não fugiu à regra, aplicando e replicando, de igual modo, o que até então se ia fazendo nas grandes cidades.

Palavras-chave: Urbanismo; Conservadorismo; Modernidade; Património.

Abstract: The liberalist policies that marked the nineteenth century were determinants in the transformation of places, now adapted to the new demands of the contemporary world.

The holy cities desacralized, they gained new dynamics and new readings crucial to the functioning of different secular nature institutions, creating a new urban layout and a new town, giving away his genius to the genius of men.

In this paper, we try to demonstrate how the news, either material or structural, generators of the urban space secularization, were emerging at a fast speed, determining needs and diverse habits, to which Lamego didn't run away from de rule, applying and replicating likewise, what until then was being done in the big cities.

Keywords: Urbanism; Conservatism; Modernity; Heritage.

* Escola Superior de Educação/ Politécnico do Porto. carlaqueiros@ese.ipp.pt.

INTRODUÇÃO

Qualquer que seja o termo utilizado pelos diversos autores ao longo dos anos (génio do lugar, sentido do lugar, espírito do lugar), o lugar é, evidentemente, uma parte integrante da existência. De acordo com o ambiente envolvente, o lugar toma uma identidade própria ou espírito.

E este espírito de Lamego, terra que foi de gentes e crenças diversas, repousa na memória do esquecimento.

As transformações urbanísticas ocorridas durante o século XIX tiveram um impacto determinante na vida cidadina lamecense à semelhança do que ia acontecendo por todo o país.

Adaptando-se à contemporaneidade e readaptando-se a um novo sentido e significado do lugar, Lamego caiu nas malhas da modernidade, da urbanização, encetando um novo espírito do lugar, mais voltado para a vida material, marcadamente economicista e menos ligado à vida espiritual que durante séculos caracterizou esta cidade.

O génio do lugar cedeu o seu espaço ao génio dos homens, onde pouco ou nada interessaram as antigas relações tempo/homem/espaço.

A perda desta relação lógica, identitária, marca da civilização contemporânea, conduziu o homem à vontade de fazer e não de refazer, à necessidade de construir e não de reconstruir, à vontade de esquecer e não de recordar, a uma quebra entre o passado, o presente e o futuro, contrária à visão da sociedade atual, que pretende salvaguardar a memória de um passado longínquo que teima em se perder.

O tempo de outrora, da Fé, em que fora construído este imenso legado patrimonial, sob o seu pressuposto, exaltando a crença daqueles que o construíram e de tantos outros que o vivenciaram e possuíram, espelhando a vida da própria comunidade onde estava inserido e refletindo-se nela, cede agora lugar, ao longo do século XIX, ao tempo da destruição, da adaptação, da construção e da reorganização, para mais tarde dar lugar à reconstrução, memorização e reabilitação, numa escala de valores muito díspar daquela que precedeu a sua construção.

Fruto das políticas liberalistas que marcaram o século XIX, os lugares acabaram por se transformar, adaptando-se às novas exigências do mundo contemporâneo e as cidades sacras, dessacralizaram-se, ganhando novas dinâmicas e leituras, cruciais ao funcionamento de instituições de cariz secular variado como quartéis, hospitais, museus, escolas e serviços administrativos.

O abandono e colapso dos espaços sacros que para além da sua função cultural, cumpriam ainda uma função simbólica, social, artística, estética e de ordenamento territorial, funcionando como pólos dinamizadores da cidade, a sua aniquilação e reutilização, originaram um novo traçado urbano, uma nova cidade, um novo

espírito e um novo património que deverão ser entendidos à luz destes ideais do liberalismo.

Porém, a modernização nem sempre foi, nem é sinónimo de evolução, muito pelo contrário.

Em Portugal, o processo de extinção das ordens religiosas e o consequente encerramento das suas casas e secularização, resultante da nova legislação produzida nas primeiras décadas do século XIX, teve repercussões dramáticas não só ao nível dos espaços conventuais, mas também na própria configuração territorial e leitura das paisagens das cidades, fazendo surgir, a partir de meados do século XIX, um modelo citadino, grande parte das vezes, incompatível com a organização da cidade antiga e, conduzindo, quase sempre, à sua destruição, já que muitos dos edifícios históricos não se coadunavam com as novas infraestruturas das cidades contemporâneas.

Após a supressão das ordens religiosas e à semelhança do que aconteceu por todo o país, mas também em outros estados europeus como em Espanha, Itália e Bélgica, embora em alturas distintas, também em Lamego estes espaços sofreram destinos diferentes, desde a sua reocupação à transformação parcial ou na íntegra até à sua reutilização para os mais diversos fins, permitindo que outras soluções fossem apresentadas, passando muitas delas, infelizmente, pela sua total destruição, consequência de uma nova mentalidade, nascida do liberalismo e das suas aspirações.

O PENSAMENTO E AÇÃO SECULAR LAMECENSE FACE AOS ESPAÇOS DE CLAUSURA

Sobrepondo-se, agora, o século à clausura, encontramos em Lamego uma diversidade de situações bem distintas: espaços conventuais que desapareceram sem deixar qualquer tipo de vestígio (Recolhimento de Santa Teresa), espaços que fruto dos novos traçados urbanos e das novas exigências de urbanização foram sendo mutilados até à sua total aniquilação (Convento das Chagas e Convento de Nossa Senhora da Piedade) e espaços que sobreviveram mantendo parte das suas estruturas ou a totalidade, ainda que transformadas e adaptadas a novas funcionalidades (Convento de São Francisco e Convento de Santa Cruz)¹.

Exceção feita, ao Recolhimento de Santa Teresa, os restantes quatro conventos de Lamego mantêm uma característica em comum, a igreja, que subsiste.

¹ A respeito dos diferentes destinos das casas conventuais da cidade do Porto *vide* PEREIRA, 2007 e REBELO, 2001.

Uma nova dinâmica urbana é imposta às cidades e Lamego segue de perto o que até então se ia fazendo nas grandes metrópoles, crescendo à custa destes espaços conventuais e, sobretudo, das suas cercas.

As novidades, quer materiais, quer estruturais, vão surgindo a uma velocidade alucinante e desconcertante, acompanhando os novos pensamentos, as novas políticas e criando novos hábitos e necessidades.

Desde o início do século XIX que Lamego assiste a um “boom” destrutivo. Primeiro, pelos aboletamentos constantes dos batalhões em defesa da pátria, transformando e adaptando as casas conventuais em quartéis e depois em hospitais militares. A partir de meados da década de trinta do século XIX e ao longo de todo o século, nas diversas sessões camarárias são constantes as referências aos projetos que se pretendem fazer nas mais diversas áreas, espelhando as preocupações da sociedade desta época como é o caso da administração concelhia, da iluminação das ruas, da higiene das mesmas, da saúde pública, nomeadamente, no que toca à limpeza e tratamento das carnes nos matadouros, o encanamento das águas e a limpeza das ruas. As transformações urbanísticas aumentam, porém, na segunda metade do século XIX, com o estabelecimento de feiras e mercados que passam a funcionar nas antigas cercas conventuais, com os novos arruamentos e avenidas projetados que vão cortar as antigas cercas, com a definição dos novos alinhamentos e perfis de ruas com vista ao seu alargamento, com a cobertura de rios que passam pela cidade, com o estabelecimento de espaços lúdicos como jardins e alamedas, trazendo de outras paragens do reino árvores frondosas, com as reutilizações, transformações e adaptações de alguns espaços conventuais e cercas para fins educativos, como sejam o seminário diocesano, escolas primárias e liceu e também para serviços e comércio.

Encarado como o maior renovador de Lamego, na segunda metade do século XIX, o Visconde Guedes Teixeira, homem bastante influente, à frente do executivo da cidade, durante alguns anos, transformou Lamego, substituindo ruas estreitas, tortas e sujas, por largas avenidas, alinhando outras e traçando novas estradas que permitiram ligar a cidade aos núcleos urbanos mais próximos e ao rio Douro, quebrando o isolamento tão característico das cidades do interior². À custa da destruição do património, sobretudo, eclesiástico, tal como em grande parte das localidades, esta reforma saiu bem cara à cidade de Lamego, descaracterizando-a. Nas palavras de Michel Lacroix, o Visconde Guedes Teixeira foi “o homem modernizador”³ que à custa da modernização, protegido pelo escudo do progresso tudo fez porque era legal e possível, e, por isso mesmo, nefasto e fatal

² COSTA, 1708: 155-177.

³ LACROIX, 1997: 65-75.

à salvaguarda patrimonial, recorrendo muitas vezes à sua destruição e demolição, com o intuito de substituir todo este legado histórico por bairros modernos, mais rentáveis, símbolos da modernidade e prosperidade. As sessões camarárias são bem elucidativas das constantes preocupações, por parte dos engenheiros nomeados e responsáveis pela elaboração dos planos de melhoramentos urbanísticos e progresso civilizacional, salientando-se aquelas que se prendem com as grandes infraestruturas: a construção de aquedutos para esgotos, tanto na parte baixa como na parte alta da cidade, ambos a desaguar no rio Coura; a canalização do rio Coura que atravessa a cidade, desde a Preguiça até à Ponte do Cavalari, um dos cursos de água responsáveis pelo mau cheiro que constantemente incomodava os habitantes e para onde eram feitas todas as descargas; a municipalização dos serviços de águas para consumo, mas também para regas, limpeza de ruas, incêndios e esgotos; a abertura de grandes avenidas e rotundas que ligassem artérias já traçadas e alargassem outras; a instalação de companhias de seguros, de circos de variedades; e a preocupação com a construção do caminho de ferro elétrico que ligasse a Régua a Lamego, sinal máximo da modernização e contemporaneidade que, em 1914, ainda não tinha sido posto a concurso, constituem sinais de melhoramentos urbanísticos e de progresso civilizacional.

OS ESPAÇOS DESSACRALIZADOS (Fig. 1)

1. Convento das Chagas

Após a morte da última abadessa em 1906, extingue-se o convento e multiplicam-se as entidades que solicitam os seus bens⁴. Através das atas das sessões de câmara e após a Implantação da República conseguimos perceber as diversas fases do destino do convento até à sua destruição.

Em 1910 é pedido o edifício e cerca para se instalarem as Escolas Primárias⁵; em 1913, a igreja é cedida à Santa Casa da Misericórdia por permuta com a Câmara⁶; em 1914 é proposto o arrendamento da parte cultivada da cerca⁷ e dá-se conta das diversas obras que estão a ser executadas em Lamego, sendo de particular interesse a continuação da Avenida da Alameda ao lado da Quinta de Alvorações, de grande

⁴ ANTT, Ministério das Finanças, *Convento das Chagas de Lamego de Viseu*, cx. 2058, Capilha 1; cx. 2059, Capilha 6, fls.1-17; e cx. 2060, Capilha 7.

⁵ AHML, Lv. 46, fls. 92-92v. Cfr. ANTT, Ministério das Finanças, *Convento das Chagas de Lamego de Viseu*, cx. 2059, Capilha 6.

⁶ QUEIRÓS, 2011: 173-175.

⁷ AHML, Lv. 49, fl. 53v. e 55.



Fig. 1. Planta da cidade de Lamego e seus arredores, levantada por J. Auffdiener, em 1793 e copiada por Manuel Epifânio de Saldanha Machado, em 1818. (GEAEM/DIE).



Fig. 2. Lamego. Liceu Nacional Latino Coelho (à esquerda) e a Alameda Municipal (à direita) (anterior a 1937). Foto: Arquivo privado.

importância na definição do novo espaço envolvente deste convento⁸; em 1929 a Câmara oferece o terreno da cerca para a construção do novo edifício do Liceu⁹; em 1930 data o aviso de concurso para a elaboração do projeto do Liceu Latino Coelho, ganho pelo arquiteto Cottinelli Telmo¹⁰ que faz tábua rasa do Convento das Chagas; em 1931 já o edifício do convento andava a ser demolido¹¹, acabando por ser totalmente destruído, assim como a quase totalidade da cerca, funcionando neste espaço, desde janeiro de 1937, altura em que é inaugurado o Liceu, na parte mais a norte, a casa do reitor, mais tarde convertida na Direção do Ciclo Preparatório, espalhado por diversos pavilhões pré-fabricados até ao limite do liceu, agora Direção do Agrupamento de Escolas Latino Coelho. No espaço que outrora fora a entrada do convento funciona, atualmente, o Pavilhão Desportivo Álvaro Magalhães (Fig. 2).

2. Convento de Nossa Senhora da Piedade

Também chamado Convento de Santo Agostinho, da Graça ou dos Gracianos, este espaço sofreu, desde o início do século XIX, com os aquartelamentos até que foi queimado por tropas que aí se encontravam, entre 1810-1811¹², continuando a viver religiosos no que sobrou; em 1841, a câmara ficou na posse do convento para nele ser estabelecida a Roda dos Expostos e pediu a concessão da cerca para a abertura da rua que se pretendia abrir desde o Campo do Tablado, atual Jardim do Campo, até à Capela de Nossa Senhora da Esperança, na rua do Cerdeiral¹³; em 1842, a câmara refere que no convento se andava a reparar um local para a Administração porque esta funcionava no Paço Episcopal, atual Museu de Lamego¹⁴; em 1844, a Rainha autoriza a câmara a fazer as obras¹⁵; em 1852 já se fala em cobrir de telha as paredes novas do edifício da Graça¹⁶; em 1856, a câmara pediu a concessão da cerca¹⁷; e, em 1860 fala-se no dinheiro gasto com a Alameda Municipal,

⁸ AHML, Lv. 48, fl. 65v e 66v.

⁹ AHML, Lv. 53, fl. 274.

¹⁰ Diário do Governo, II série, n.º 144 de 25-06-1930, p. 2013. SIPA, *Liceu Latino Coelho / Escola Secundária Latino Coelho*, IPA.00014200.

¹¹ AHML, Lv. 54, fl. 75 (Sessão ordinária de 28 de outubro de 1931) e fl. 83 (Sessão ordinária de 9 de dezembro de 1931).

¹² AHM/DIV/1/14/244/01, fl. 1v.

¹³ AHML, Lv. 30, antigo 14, fls. 26-27.

¹⁴ AHML, Lv. 30, fls. 48 e 60.

¹⁵ ANTT, Ministério do Reino, *Correspondência expedida pelo Governo Civil de Lamego* Lv. 1585, fl. 128-128v.

¹⁶ AHML, Lv. 31, fl. 186v.

¹⁷ AHML, Lv. 32, fls. 182 e 183.



Fig. 3. Lamego. Convento de São Francisco, antes do incêndio de 1911. Foto: José Costa.

isto é, o terreno da cerca do convento que foi concedido para feiras e mercados e a criação de um viveiro de árvores para plantar uma alameda, para além da porção necessária para a estrada em continuação à de Portelo até ao Cruzeiro que conduziria à estrada para a Régua¹⁸.

Do antigo convento só existe a igreja. Parte do claustro foi convertido em parque de estacionamento da Câmara Municipal de Lamego e no local onde em tempos estiveram as dependências conventuais, encontram-se os serviços da Câmara. A cerca acabou por desaparecer, quase na totalidade, conservando-se, pensamos, apenas alguns troços que servem hoje de muros de quintais privados.

3. Convento de São Francisco (Fig. 3)

Em 1813 o Batalhão de Caçadores ocupa o Convento de São Francisco, tendo já servido como hospital militar, quando não cabiam os doentes no que funcionava no Convento de Santa Cruz¹⁹; em 1835, a câmara refere que uma cidade populosa como Lamego não possui um estabelecimento de educação pública e, por esta

¹⁸ AHML, Lv. 33, fl. 93v.

¹⁹ AHM/DIV/1/14/244/01, fl. 1.

razão, se torna necessário haver em seminário de meninas e a cerca necessária para nela se estabelecer uma praça para venda de hortaliças e fruta que não havia, sendo até esta altura praticado este comércio no meio da Rua da Praça²⁰; em 1836, o convento e o refeitório foram requisitados para servir de liceu e escola de ensino mútuo, respetivamente; em 1839, tanto o edifício como a cerca foram requisitados pelo Ministério da Guerra para servirem de quartel do Batalhão de Infantaria 9 e de hospital militar²¹; em 1874, volta-se a referir a construção de uma praça que podia ser feita junto à Igreja de São Francisco²²; em 1880, o mercado acabou por ser construído junto da igreja do convento de São Francisco²³; em 1882 foi batizado com o nome de Mercado do Príncipe Real D. Carlos²⁴.

Fruto do incêndio que deflagrou em 1911 e que consumiu todo o lado poente da Rua de Almacave, pretendeu-se alargar a rua que era estreita; e, em 1914, a câmara propõe continuar a reconstrução e alargamento da Rua de Almacave, tendo para isso de se expropriar a entrada do hospital militar e toda a Igreja de São Francisco, cujo terreno deveria ser utilizado no alargamento e melhoramento da Praça Miguel Bombarda, antiga Praça do Príncipe Real D. Carlos²⁵; em 1918, é solicitada à câmara a continuação da reconstrução da fachada do hospital militar, interrompida pelos novos estudos do perfil da Rua de Almacave²⁶; e, em 1919, há um pedido de demolição da Igreja de São Francisco com o objetivo de alargar a Praça Miguel Bombarda²⁷.

Felizmente, o plano de modernização da rua não foi levado adiante e o mercado não foi alargado como se pretendia, mantendo-se a funcionar no antigo espaço fronteiro à porta lateral da igreja até 1981, altura em que foi construído o atual Mercado Municipal de Lamego, ocupando parte da cerca do extinto convento. No antigo espaço fronteiro à porta lateral da igreja funcionou ainda um parque infantil, a Escola de Hotelaria e Turismo de Lamego de 2002 a 2006 e, hoje, a Universidade Sénior e a Autoridade para as Condições do Trabalho.

Atualmente, subsiste a igreja, parte do convento, o claustro e parte da cerca.

²⁰ AHML, Lv. 8, fls. 45v-46 e 47v-49.

²¹ ANTT, *Livro 1º das Requições*, fl. 236v.

²² AHML, Lv. 37, fl. 107.

²³ AHML, Lv. 40, fl. 17v.

²⁴ LARANJO, 1989: 69.

²⁵ AHML, Lv. 48, fls. 66v-67.

²⁶ AHML, Lv. 49, fl. 78v.

²⁷ AHML, Lv. 49, fl. 116v



Fig. 4. Lamego. Vista geral – Bairro Alto. Imagem digital (a partir de postal) oferecida por Joaquim Duarte Correia. (Museu de Lamego, DRCN). Ao centro, a igreja e Recolhimento de Santa Teresa, entre 1911-1918.

4. Recolhimento de Santa Teresa (Fig. 4)

Em 1813, o Recolhimento de Santa Teresa, também denominado da Regueira ou das Recolhidas, foi escolhido para hospital militar, o que acabou por não se concretizar²⁸. Relativamente a este espaço os dados são parcos até que, em 1890, a propósito da instalação do liceu, se refere que havia no bairro de baixo (Sé) um terreno mais económico para a construção do edifício, entre a Avenida D. Maria Pia, atual Avenida 5 de Outubro, e a Rua do Campo do Cavalari, situada na margem esquerda do rio Coura e paralela à Rua da Regueira, juntamente com o terreno onde se acha situado o convento e capela do Recolhimento²⁹; em 1911, a Capela de Santa Teresa tinha anexa um quintal, que julgamos tratar-se da cerca, e um casarão velho, que pensamos ser o Recolhimento, propriamente dito³⁰, sendo administrada por uma leiga que morreu em 1912; em 1914, os temporais acabaram por danificar

²⁸ AHM/DIV/1/14/244/01, fl. 1v.

²⁹ AHML, Lv. 42, 135v-136.

³⁰ ACMF, CJBC, fls. 56-56v e 59v.

o Recolhimento, tornando-se necessária a reparação urgente dos telhados³¹; em 1916, um decreto da Direcção Geral da Justiça e dos Cultos refere as várias vezes em que a câmara solicitou a cedência deste Recolhimento e anexos com o objetivo de no mesmo lugar se construir uma avenida e alargar uma rua, dando-lhe igualmente outro destino, como é o caso da canalização do rio Coura que atravessava a cidade³²; em 1917 é aprovado um contrato de compra de um terreno particular situado na margem esquerda do rio Coura, em frente do antigo Recolhimento para a construção da Avenida Visconde Guedes Teixeira, começando aqui o processo de desintegração, desconstrução e destruição do Recolhimento: primeiro a Capela até ao seu total aniquilamento³³; em 1918, tem lugar a arrematação do arrendamento da cerca e dá-se conta do estado de ruína em que se encontram as paredes do Recolhimento³⁴, manifestando-se o interesse na construção de uma Escola Primária Central para o sexo masculino³⁵, sendo que, em 1933, já a obra da Escola Central Primária está para ser concluída³⁶.

Hoje, no lugar do Recolhimento e das respetivas capela e cerca, funciona a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego do Instituto Politécnico de Viseu, antiga Escola do Magistério Primário de Lamego, a qual está a ser ampliada para o Largo dos Bancos, destruindo, uma vez mais, aquela que fora a Rua da Regueira.

5. Convento de Santa Cruz

A partir de 1809 é transformado em hospital militar³⁷; em 1834, a câmara fala da conveniência de mudar o hospital civil da Misericórdia, a funcionar naquele que é hoje o Teatro Ribeiro Conceição para o Convento dos Lóios, também assim denominado, e da câmara para a do hospital³⁸; em 1836, a câmara solicita o edifício do convento para hospital civil e a cerca para vendê-la e aplicar o seu dinheiro no hospital; em 1839 é requisitado pelo Ministério da Guerra para quartel do Batalhão de Infantaria 9³⁹; em 1842, o convento e cerca são concedidos ao Ministério da Guerra para quartel e hospital do mesmo Batalhão, tendo o Ministério pedido

³¹ ACMF, *Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, Administração dos Bens Culturais*, Proc. Anteriores a 1915.

³² AHML, Lv. 49, fl. 89v.

³³ AHML, Lv. 47, fl. 124.

³⁴ AHML, Lv. 49, fl. 55v.-56v.

³⁵ AHML, Lv. 49, fls. 104-104v. Trata-se do atual Teatro Ribeiro Conceição.

³⁶ AHML, Lv. 54, fl. 157v

³⁷ AHM/DIV/1/14/244/01, fl. 1v.

³⁸ AHML, Lv. 8, fls. 25-25v.

³⁹ ANTT, *Livro 1º das Requisições*, fl. 234v.



Fig. 5. Lamego. Vista aérea do Convento de Santa Cruz (2007). Foto: Kymagem.

o resto da cerca, no mesmo ano, para aumento da horta, o que lhe foi negado; em 1852 foi mandada vender o resto da cerca⁴⁰.

O espaço conventual, embora alterado para adaptações a quartel, primeiro do Regimento de Infantaria n.º 9 de Lamego, depois como quartel do Centro de Instrução de Operações Especiais (CIOE – 1960), em 1975 foi transformado em Escola de Formação de Sargentos até 1981, altura em que retornou à anterior designação até 2006 e, finalmente, como quartel do Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE), desde 2006.

Julgamos que parte da cerca ainda se conserva e serve de muro ao grande adro do quartel, sendo que a restante se encontra fragmentada e urbanizada (Fig. 5).

CONCLUSÃO

Em consequência destas transformações ocorridas nas cidades do século XIX que impuseram uma nova dinâmica urbana, novos ritmos e novas formas de pensar e sentir, nos séculos XX e XXI assistimos ao nascimento de uma mentalidade

⁴⁰ ANTT, *Livro 1.º das Requisições*, fl. 234v. Cfr. LEAL, 1874: 36. Segundo Pinho Leal, o convento teria sido demolido em 1853, e “*dos seus materiaes se fez o bello edificio dos paços do concelho*”, acrescentando que a cerca é uma alameda pública. É evidente a troca de nomes que o autor fez entre o Convento de Santa Cruz e o Convento de Santo Agostinho ou de Nossa Senhora da Piedade, já que refere que este último é quartel de infantaria n.º 9 (quarteis de Santa Cruz).

coletiva que se preocupa, cada vez mais, com as suas origens e a sua história, numa ânsia sem precedentes de encontrar elementos de referência e referenciadores da sua existência, regressando a um passado longínquo, fruto da falta de identidade que todos nós sentimos num mundo cada vez mais global.

Quem hoje visita Lamego pouco ou nada vê daquela que foi uma das cidades mais ricas em termos de património eclesiástico, tendo em conta a área urbana, exceto quando o seu olhar atento e conhecedor depara com os poucos vestígios que a vão denunciando, revelando a sua história. Infelizmente, as atrocidades cometidas, sobretudo, a partir do século XIX, continuam a ter adeptos que aos poucos e com muito conseguem apagar a sua história.

Nesta ânsia de recuperar a nossa identidade, deparamo-nos com aquilo que muitos autores, entre os quais, o Prof. Carlos Alberto Ferreira de Almeida⁴¹, apelidaram de «complexo de Noé», a tendência para classificar tudo de património, unindo-se esta patrimonialização à qualidade de vida que o Prof. Carlos Alberto falava, quase que adivinhando a pertinência e atualidade deste assunto⁴².

É urgente, cada vez mais, salvaguardar a memória destes espaços para que aqueles que ainda subsistem e os que já foram destruídos, façam parte da nossa história, a de hoje, criando novas dinâmicas e novas memórias que recordem as primitivas, sensibilizando-nos para a importância que, em outros tempos, estes espaços tiveram, mas também novas memórias que utilizem as novas tecnologias para os recordar e recriar numa relação perfeita entre o passado, o presente e o futuro, numa memorização contínua da nossa identidade, uma anamnese ininterrupta. Respeitar estas memórias, é uma forma de criar novas memórias.

FONTES

ARQUIVO CONTEMPORÂNEO DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, Administração dos Bens Culturais, Proc. Anteriores a 1915.

ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR

Correspondência do Bispo João de Lamego para vários indivíduos sobre as condições de aquartelamento das casas religiosas e “relação dos conventos, capelas que nesta cidade de Lamego se acham ocupadas e que se tem ocupado com tropa e com munições de boca e de guerra”, PT/AHM/DIV/1/14/244/01.

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE LAMEGO

Livro dos Editais e da Correspondência com as diferentes autoridades, Lv. 8 (1834-1836); Actas das Sessões da Câmara Municipal de Lamego, Lv. 30 (1841-1845); Lv. 31 (1845-1852); Lv. 32 (1852-1857); Lv. 33 (1857-1863); Lv. 37 (1872-1875); Lv. 40 (1880-1883); Lv. 42 (1887-1892);

⁴¹ ALMEIDA, 1998: 7.

⁴² ALMEIDA, 1993: 411-412.

Lv. 46 (1908-1912); Lv. 47 (1914-1923); Lv. 48 (1912-1916); Lv. 49 (1916-1921); Lv. 53 (1928-1930); Lv. 54 (1930-1933).

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO

Livro 1º das Requisições.

Ministério das Finanças, *Convento das Chagas de Lamego de Viseu*, cx. 2058, cx. 2059 e cx. 2060.

Ministério do Reino, *Correspondência expedida pelo Governo Civil de Lamego*, Lv. 1585.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Diário do Governo, II série, n.º 144 de 25-06-1930, p. 2013.

DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL

SIPA, Liceu Latino Coelho / Escola Secundária Latino Coelho, IPA.00014200.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1993) – *Património – Riegl e Hoje*. «Revista da Faculdade de Letras – História», II série, vol. 10. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 407-416.

— (1998) – *Património. O seu Entendimento e a sua Gestão*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira: ETNOS.

COSTA, Padre António Carvalho da (1708) – *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal...* Tomo II, Livro I. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, (2ª edição de 1868).

LACROIX, Michel (1997) – *O Princípio de Noé ou a Ética da Salvaguarda*. Lisboa: Instituto Piaget.

LARANJO, F.J.Cordeiro (1989) – *Lamego Antiga*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego.

LEAL, A.S.A.B.Pinho (1874) – *Portugal Antigo e Moderno: dictionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal...*, volume quarto. Lisboa: Livraria Editora de Mattos, Moreira & Companhia.

PEREIRA, Ana Cristina da Cunha (2007) – *Os Conventos do Porto. Descontinuidades, transformação e reutilização*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.

QUEIRÓS, Carla Sofia Ferreira (2011) – *A primitiva e desaparecida Igreja da Misericórdia de Lamego*. In *A Misericórdia de Vila Real e as Misericórdias no Mundo de Expressão Portuguesa*. Actas do Seminário Internacional: 163-176.

REBELO, Elvira Maria Almeida (2001) – *Da Clausura ao Século. O Destino de dois espaços conventuais do Porto. Materialidades, memórias e património*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.